

# Da terra prometida por Deus, ✕ Canaã, de Viana, só tem o nome

419564

Tião Barbosa  
Fotos Romero Mendonça

Canaã, a terra prometida por Deus a seu povo, escravizado no Egito por várias décadas e libertado por Moisés por volta do ano 1.300 aC, não tem qualquer relação com o bairro de Viana de igual nome. Na terra prometida, o povo de Deus poderia viver livremente e teria condições de se desenvolver e prosperar.

Em Viana, os moradores de Canaã não vêem prosperidade alguma. Em termos de infra-estrutura, só têm água. Por ironia, é exatamente a água que parece ser a causa do alto índice de verminose — 80% dos casos registrados no precário posto médico — conforme consenso dos habitantes, cerca de três mil.

Calçamento não existe. Iluminação, só nas ruas "principais". Policiamento, apenas nos dias de festa. Esgoto, nem precariamente, com os moradores obrigados a suportarem os problemas gerados pelas fossas, como mosquitos e moscas. Ônibus, de 40 em 40 minutos. Quebrando um dos dois veículos, o período de espera pode ultrapassar a uma hora.

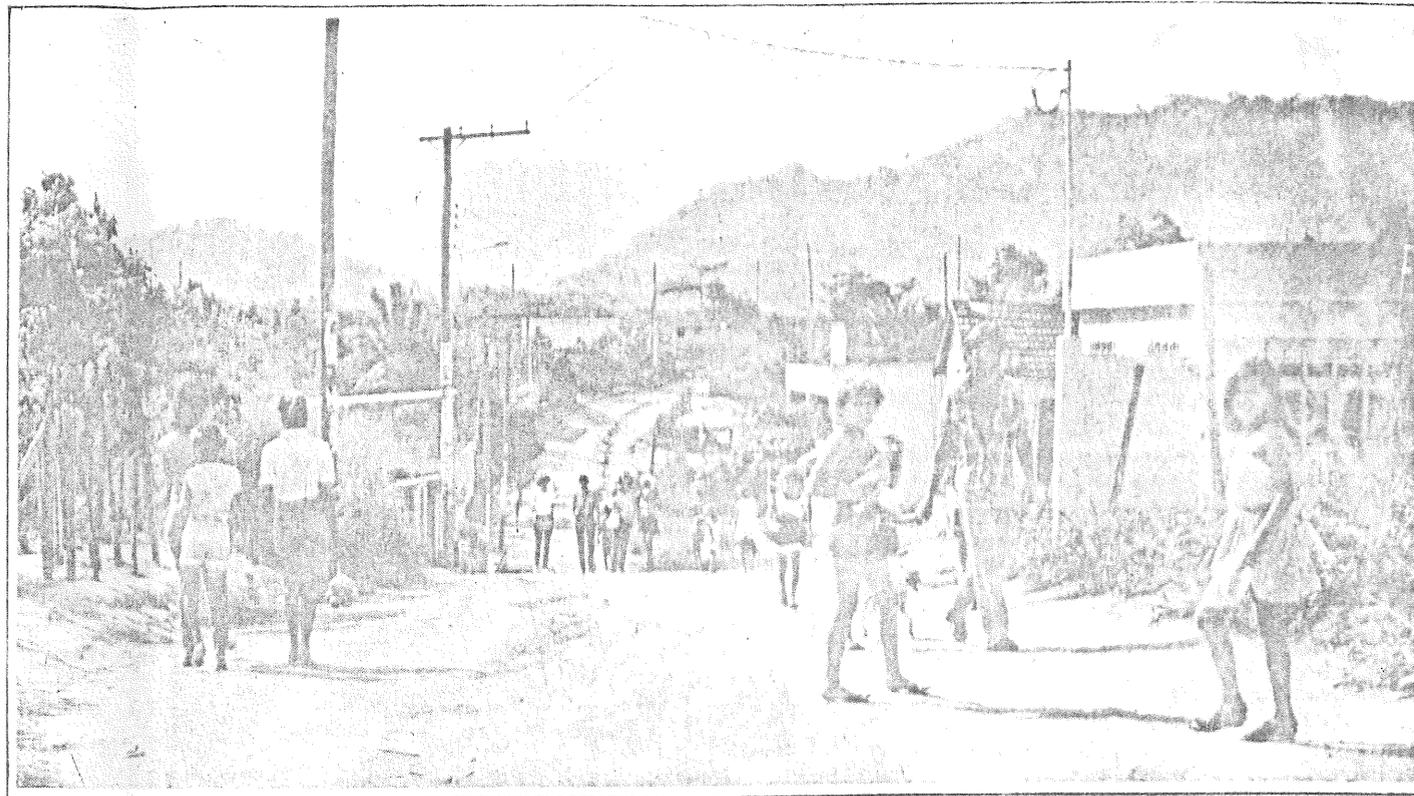
## SEM MERENDA ESCOLAR

Escola existe. Quatro salas, uma toda em tábuas e com folhas de amianto e as outras três com telhas. Os 459 alunos não estudaram ontem. A diretora, Maria Helena Monteiro, e as 10 professoras, estão empenhadas na organização da festa comunitária que objetiva recursos para a escola. A festa termina amanhã, às 24 horas.

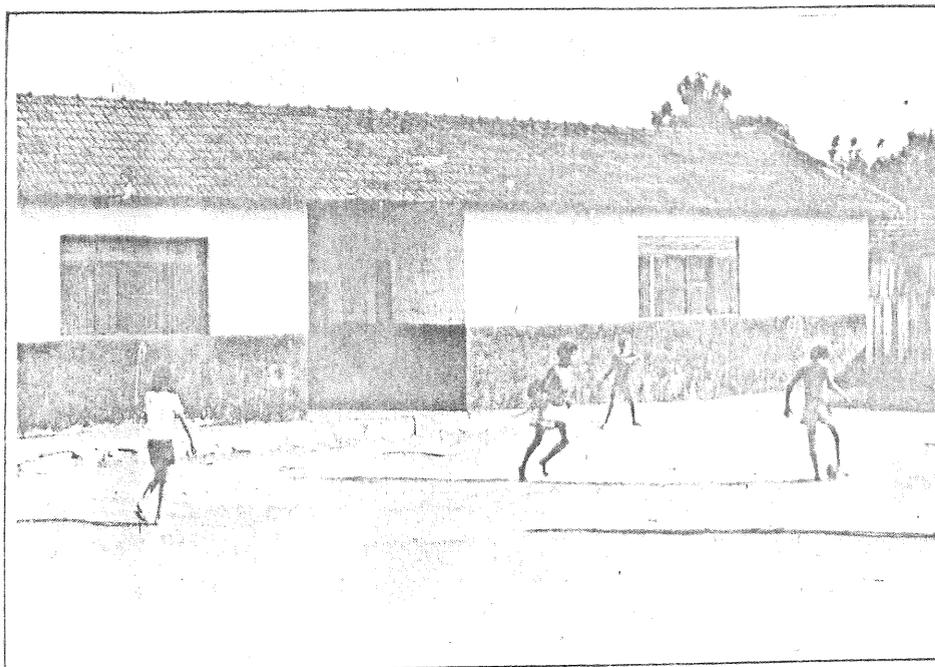
A merenda escolar foi distribuída até a última terça-feira. Quando recomeçará, a diretora não sabe: "Em Viana, me afirmaram que os alimentos do depósito acabaram. Quando tem, eles (a Secretaria de Educação) mandam logo. Assim, não tenho nem idéia de quando voltaremos com a merenda". Até terça, o cardápio era variado, segundo Maria Helena Monteiro, com os moradores colaborando com o fornecimento de verduras — as hortas domésticas, em Canaã, são quase uma obrigatoriedade, devido ao baixo poder aquisitivo dos moradores.

Para atendimento a todos os alunos, foram criados horários próprios: de 6h40 às 10h40, de 10h40 às 14h40 e de 14h40 às 18h40. Não só a existência de apenas três salas determinaram a mudança, como explica a diretora: "O início não ficou muito cedo. O final (18h40) também não desagradou totalmente, apesar de neste horário já estar escuro e não existir iluminação em todo o bairro".

A taxa escolar varia. Maria Helena Monteiro afirma que alguns contri-



As ruas não são pavimentadas e a poeira invade as casas



A única escola do bairro, que funciona de maneira precária

de 6 às 11 horas e de 13 às 16 horas. Os casos "comuns" — diarreias, doenças da pele e verminoses — são levados para Viana. Urgências dependem de um telefonema — pelo orelhão, distante cerca de 500 metros — à maternidade, única forma de obtenção de uma ambulância.

Remédios, poucos, apenas para as mesmas "doenças comuns". Mesa existe apenas uma, além da reservada ao médico. Isabel Odely Pizziolo, enfermeira, garante que o atendimento à

No centro comunitário do bairro, só muda o partido: o ex presidente, Lourival Cunha, é candidato a prefeito pelo PDT. Por isso, o terreno destinado à construção da sede do centro comunitário, próximo ao posto médico, não foi doado pelo prefeito de Viana, Carlos Magno Pimentel, que só o fará quando a frente do bairro estiver "o Alcides", conforme afirmação de Isabel Odely Pizziolo, irmã de uma candidata a vereadora pelo PDS.

carentes de 11 bairros de Viana. Simples e com micoses nos braços e pescoço, ela lembrou o processo judicial pela conquista do centro comunitários: "Dia 15 de setembro, fomos à Justiça, pois eles falaram ao juiz que têm direito no centro, embora não tenham participado da eleição. Além disso, nós somos o "movimento comunitário", enquanto eles se consideram do "centro comunitário". É diferente — procurando reforçar seu argumento, limitado ao termo, já que não existe meios de dois "centros" desempenharem igual função.

Doenças venéreas não são uma constante no posto médico e na única farmácia de Canaã, inaugurada há três meses. Seu proprietário, Azarias Siqueira de Souza, contudo, está pretendendo fechá-la, alegando o reduzido movimento. Embora o índice registrado seja baixo, possivelmente a incidência de doenças venéreas seja grande.

Na entrada do bairro, seis "boates" garantem a vida comercial. O número de "moças" é desconhecido ao certo. O convívio dos moradores com essa zona de prostituição, contudo, é pacífico, conforme garantiram as donas-de-casa Celeta Loriata Cunha, Celi Santos Pereira e o trabalhador Miguel Bravim Netto.

Azarias, farmacêutico prático há 25 anos, defendeu com mais convicção as "boates": "Não existe confusão por aqui em consequência delas. De vez em quando, há uma morte por lá, mas só por lá. Além disso, elas é que sustentam o comércio daqui, essas poucas vendas.



Henrique Peres: o número de acidentes diminuiu

## Segurança no Porto encerra Semana de Prevenção da CIPA

A primeira Semana de Prevenção de Acidentes de Trabalho (Spat), promovida pela Administração do Porto de Vitória, foi encerrada ontem pela manhã com a palestra "Estruturação da Segurança do Porto do Tubarão", proferida pelo gerente do setor de segurança do trabalho da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), Carlos Henrique Peres. Ao encerrar a promoção, o administrador do Porto de Vitória, Jacob Ayub, anunciou para os próximos meses, a realização em Vitória de uma Convenção Nacional dos Portos do País sobre segurança no Trabalho, "em função dos resultados satisfatórios da semana".

Segundo ele, promoções a nível da Spat, onde são destacados critérios de segurança no trabalho, influem diretamente na diminuição da incidência de acidentes. Este pensamento foi reforçado pelo palestrante de ontem, Carlos Henrique Peres, que informou que, devido às campanhas de prevenção de acidentes e adoção de medidas necessárias, na CVRD houve um decréscimo no número de acidentes: em 1976 houve 193 acidentes enquanto, em 1982 se registraram apenas 16.

## INVESTIMENTO

Apesar da CVRD ter investido em 1982 Cr\$ 24 milhões na compra de equipamentos de proteção individual e Cr\$ 54 milhões em equipamentos gerais ligados à segurança no trabalho, conforme informou, o gerente Carlos Henrique Peres destacou que a filosofia existente na companhia é de que se deve dar prioridade às medidas de prevenção, e não somente fornecer equipamentos: "Temos que procurar todas as formas de eliminar as condições de risco de acidentes. O fundamental são as condições de trabalho para que o operário não sofra acidentes, e, a partir daí, os equipamentos serem usados quando não houver mais agentes agressivos".

Segundo ele, a partir do momento que a CVRD ativou o setor de Segurança no Trabalho, que atualmente possui 6 supervisores e 18 pessoas, foram obtidos bons resultados no campo da prevenção de

acidentes e adoção de medidas necessárias, na CVRD houve um decréscimo no número de acidentes: em 1976 houve 193 acidentes enquanto, em 1982 se registraram apenas 16.

## INVESTIMENTO

Apesar da CVRD ter investido em 1982 Cr\$ 24 milhões na compra de equipamentos de proteção individual e Cr\$ 54 milhões em equipamentos gerais ligados à segurança no trabalho, conforme informou, o gerente Carlos Henrique Peres destacou que a filosofia existente na companhia é de que se deve dar prioridade às medidas de prevenção, e não somente fornecer equipamentos: "Temos que procurar todas as formas de eliminar as condições de risco de acidentes. O fundamental são as condições de trabalho para que o operário não sofra acidentes, e, a partir daí, os equipamentos serem usados quando não houver mais agentes agressivos".

Segundo ele, a partir do momento que a CVRD ativou o setor de Segurança no Trabalho, que atualmente possui 6 supervisores e 18 pessoas, foram obtidos bons resultados no campo da prevenção de acidentes. Esta prevenção consiste, segundo ele, em campanhas dirigidas não somente aos trabalhadores, mas "também aos futuros operários que precisarão de segurança, que são as crianças. São dadas palestras, feitos concursos, que atingem os filhos dos operários para que eles se conscientizem da necessidade de evitar acidentes".

"Infelizmente não alcançamos ainda o ideal. Pois seria importante se houvesse uma disciplina obrigatória para as crianças que estudam. O fundamental é que o trabalhador trouxesse do berço, da escola, noções de segurança, pois, é difícil educar a pessoa adulta. Aqui mesmo na Spat, há muitas pessoas que estão tendo pela primeira vez noções de prevenção de acidentes".

Dizendo que engenheiros de Segurança da Companhia Siderúrgica do Tubarão (CST), do Porto de Vitória, da CVRD e de outras empresas de grande porte são considerados privilegiados porque são apoiados nas campanhas de prevenção de acidentes, Carlos Henrique Peres declarou que a maioria dos empregadores é fruto de gerações anteriores, "que só fazem segurança para cumprir uma Lei".

— Seria surpreendente se a Delegacia Regional do Trabalho — se eles tivessem mais inspetores para fiscalizar — fosse nas médias e pequenas empresas verificar a presença de supervisores de segurança. Muitas não os possuem, e aquelas onde existe um, ele desempenha outras funções. Eles nunca estão nos seus próprios setores, desempenhando funções de segurança do trabalho. Por isto nós temos que preparar as próximas gerações, para que eles recebam bem as medidas de segurança, e não relutem em aceitá-las como ainda acontece, apesar de menos que antigamente".

Segundo o gerente do setor de Segurança da CVRD, alguns anos atrás o trabalhador não acreditava no trabalho de segurança. "Agora, com o passar do tempo, ele sabe que nós estamos do seu lado, para escutar reivindicações e levá-las até os supervisores para serem atendidas. Nós analisamos as solicitações, e se as consideramos viáveis, fazemos tudo para atendê-las. Está começando a conscientização entre eles".

## ENCERRAMENTO

O encerramento da primeira Semana de Prevenção de Acidentes de Trabalho (Spat) do Porto de Vitória foi às 10 horas, com a presença de diversas autoridades — o administrador do Porto de Vitória, Jacob Ayub, o representante do delegado Regional do Trabalho, Aílido Melo Zanon, o presidente da Fundação Centro, José Guilherme de Freitas, o comandante do Corpo de Bombeiros, Orelly Lirio, um representante da Capitania dos Portos e representantes sindicais, além do coordenador da Semana, o engenheiro de Segurança do Porto, Alvaro Freitas Dantas Filho.

Viana, se afirmaram que os alimentos do depósito acabaram. Quando tem, eles (a Secretaria de Educação) mandam logo. Assim, não tenho nem ideia de quando voltaremos com a merenda". Até terça, o cardápio era variado, segundo Maria Helena Monteiro, com os moradores colaborando com o fornecimento de verduras — as hortas domésticas, em Canaã, são quase uma obrigatoriedade, devido ao baixo poder aquisitivo dos moradores.

Para atendimento a todos os alunos, foram criados horários próprios: de 6h40 às 10h40, de 10h40 às 14h40 e de 14h40 às 18h40. Não só a existência de apenas três salas determinaram a mudança, como explica a diretora: "O início não ficou muito cedo. O final (18h40) também não desagradou totalmente, apesar de neste horário já estar escuro e não existir iluminação em todo o bairro".

A taxa escolar varia. Maria Helena Monteiro afirma que alguns contribuem com Cr\$ 5,00 e outros com "um pouco mais". A maioria dos alunos é carente, assim como todas as famílias. Quando a merenda escolar era distribuída, crianças não matriculadas também conseguiam alimentação, "desde que sobrasse da comida feita para o último horário".

O problema mais grave, segundo a diretora, é a precariedade do prédio do grupo, que não conta com vidros e cujas portas, janelas e carteiras de madeira estão danificadas. Projeto de construção de uma nova escola existe. Por ele, as oito salas previstas deviam ter sido inauguradas em julho último. Hoje, não há nem mesmo expectativa quanto ao início das obras.

## SEM EQUIPAMENTOS

Posto médico há, funcionando das 8 às 11 horas e de 13 às 16 horas. As segundas e sextas-feiras, o horário é diferente, devido à presença do médico:



Célia Regina: o leite é bem distribuído



A única escola do bairro, que funciona de maneira precária

de 6 às 11 horas e de 13 às 16 horas. Os casos "comuns" — diarreias, doenças da pele e verminoses — são levados para Viana. Urgências dependem de um telefonema — pelo orelhão, distante cerca de 500 metros — à maternidade, única forma de obtenção de uma ambulância.

Remédios, poucos, apenas para as mesmas "doenças comuns". Mesa existe apenas uma, além da reservada ao médico. Isabel Odely Pizziolo, enfermeira, garante que o atendimento à população do bairro Canaã é "bom", mostrando detalhadamente as poucas espécies de medicamentos e o aparelho de esterilizar as seringas de vidro.

## COM POLÍTICA

Se infra-estrutura é algo inexistente em Canaã, a política bate recordes. No posto médico, as mal conservadas paredes têm, nada menos, que 20 cartazes com o retrato, nome e número de um candidato a prefeito pelo PDS, Ronaldo Ornelas.



Maria Helena, a diretora da Escola: preocupa-se com a merenda



Azarias, o dono da farmácia, já pensa em desistir

Doenças venéreas não são uma constante no posto médico e na única farmácia de Canaã, inaugurada há três meses. Seu proprietário, Azarias Siqueira de Souza, contudo, esta pretendendo fechá-la, alegando o reduzido movimento. Embora o índice registrado seja baixo, possivelmente a incidência de doenças venéreas seja grande.

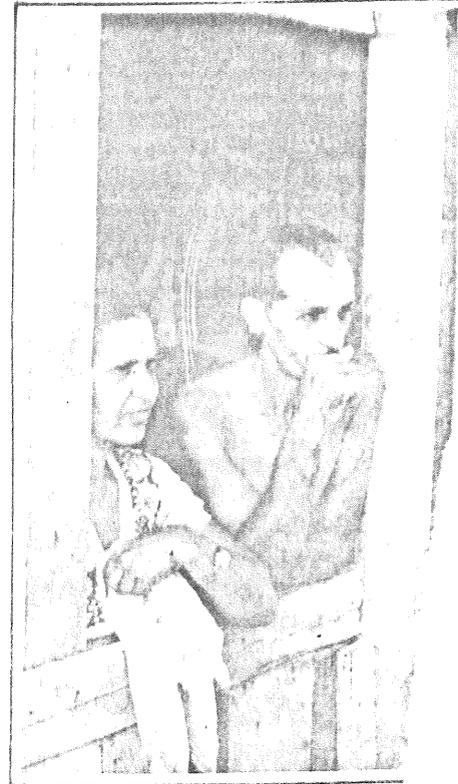
Na entrada do bairro, seis "boates" garantem a vida comercial. O número de "moças" é desconhecido ao certo. O convívio dos moradores com essa zona de prostituição, contudo, é pacífico, conforme garantiram as donas-de-casa Celeta Loriaia Cunha, Celi Santos Pereira e o trabalhador Miguel Bravim Netto.

Azarias, farmacêutico prático há 25 anos, defendeu com mais convicção as "boates": "Não existe confusão por aqui em consequência delas. De vez em quando, há uma morte por lá, mas só por lá. Além disso, elas é que sustentam o comércio daqui, essas poucas vendas, todas com preços altos.

## COM BAIXOS SALARIOS

Carentes em sua totalidade, os moradores do bairro Canaã — cerca de 40 minutos de carro, partindo-se da praça Costa Pereira — vivem em função de empregos que não exigem mão-de-obra qualificada. O salário mínimo é comum à maioria, com a Dumilho, fábrica de ração, empregando grande parte dos trabalhadores — também acusada de provocar "tosse", devido ao mau cheiro.

Em suas ruas sem calçamento, abertas há mais de 20 anos, residem desde ex-invasores a emigrantes, como Antônio Maciel e Ana Isafas Maciel com seus nove filhos, há três meses em Canaã. Antes, moravam em Cubatão, São Paulo, residindo "num mangue bem pior que isso aqui". Satisfeita, Ana só reclama da falta de rede de esgoto.



Antônio e Ana Maciel vieram de Cu